



SEÇÃO: DISCURSOS DISCRIMINATÓRIOS COMO FRATURA DA SOCIEDADE BRASILEIRA

## João presente! Análise do funcionamento discursivo de um sujeito periférico

*João present! An analysis of the discursive functioning of a peripheral subject*

*João presente! Análisis del funcionamiento discursivo de un sujeto periférico*

**Dayvesson Deleon**

**Bezerra da Silva<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-9123-9049](https://orcid.org/0000-0001-9123-9049)  
[ddayvesson@gmail.com](mailto:ddayvesson@gmail.com)

**Verônica Maria Brayner  
de Oliveira Lira<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-1737-1847](https://orcid.org/0000-0003-1737-1847)  
[veronica.brayner@unicap.br](mailto:veronica.brayner@unicap.br)

**Nadia Pereira da Silva**

**Gonçalves de Azevedo<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-6425-2846](https://orcid.org/0000-0001-6425-2846)  
[nadiaazevedo@gmail.com](mailto:nadiaazevedo@gmail.com)

**Recebido em:** 19 jul. 2022.

**Aprovado em:** 12 nov. 2022.

**Publicado em:** 11 jan. 2023.

**Resumo:** A Análise de Discurso de Linha Francesa (AD), com seu aporte teórico e metodológico, foi o instrumental que nos fez adentrar em possibilidades de significações do discurso de resistência do cantor e compositor Marcelo Mira, na música João. Elaborado há quase duas décadas, o processo discursivo analisado não só refletiu problemas históricos da pobreza no Brasil, mas favoreceu a discussão sobre o aprofundamento da crise nos dias atuais. O diálogo com a exterioridade trouxe para a atualidade modos de significar de dizeres estabilizados, institucionalizados. A criatividade artística, quando aplica metáforas, paráfrases, polissemia, estabelece novas possibilidades de significação. O objetivo principal deste trabalho consiste em analisar o discurso de resistência de um sujeito periférico e negro, que se desenvolveu no âmbito da arte musical e que faz enfrentamento ao discurso dominante atual, balizado pelo neoliberalismo. Para fundamentação da análise, embasamo-nos em Pêcheux e em autoras que são referências, no Brasil, dos estudos da AD, a exemplo de Eni Orlandi e Cristina Leandro Ferreira. Na perspectiva do movimento entre discurso e interdiscurso, contemporizamos as discussões com pressupostos de outras áreas de conhecimento, com ênfase na sociologia, que estão em pleno debate com o paradigma neoliberal. Também, realizamos pesquisa em meios digitais, *sites* oficiais para obtermos dados recentes e argumentos que circulam no meio virtual sobre questões aqui levantadas. Na materialidade discursiva da música está inscrita uma cronologia de dor e de luta na vida de João, enquanto personagem, que representa, ao mesmo tempo, o assujeitamento e o enfrentamento do discurso que lhe interpelou como sujeito.

**Palavras-chave:** análise de discurso de linha francesa; discurso de resistência; desigualdade social.

**Abstract:** The French Discourse Analysis (DA), with the theoretical and methodological support, was the instrument that made us enter into the possibilities of significations of the resistance discourse of the singer and composer Marcelo Mira, in the song João. Elaborated almost two decades ago, the discursive process analyzed not only reflected historical problems of poverty in Brazil, but also favored the discussion about the deepening of the crisis today. The dialogue with the exteriority brought to the present time modes of meaning of stabilized, institutionalized sayings. Artistic creativity, when it applies metaphors, paraphrases, and polysemy, establishes new possibilities of signification. The main objective of this work is to analyze the discourse of resistance of a peripheral and black subject, who developed himself in the field of musical art and who stands up against the current dominant discourse, marked by neoliberalism. The analysis is based on Pêcheux, authors who are references, in Brazil, in AD studies, such as Eni Orlandi and Cristina Leandro Ferreira. In the perspective of the movement between discourse and interdiscourse, we contemporized the discussions with assumptions from other areas of knowledge, with emphasis on sociology, which are in full debate with the neoliberal paradigm. We also researched digital media and official websites to obtain recent data and arguments circulating in



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, PE, Brasil.

the virtual environment about the issues raised here. In the discursive materiality of the song is inscribed a chronology of pain and struggle in João's life, as a character, which represents, at the same time, the subjection and the confrontation of the discourse that interpellates him as a subject.

**Keywords:** French discourse analysis; resistance speech; social inequality.

**Resumen:** El Análisis del Discurso de Línea Francesa (AD), con su aspecto teórico y metodológico, fue el instrumento que nos hizo adentrarnos en posibilidades de significados del discurso de resistencia del cantautor Marcelo Mira, en la canción João. Elaborado hace casi dos décadas, el proceso discursivo analizado, no sólo reflejó problemas históricos de la pobreza en Brasil, pero favoreció la discusión sobre la profundización de la crisis en la actualidad. El diálogo con el exterior trajo hoy, modos de significar dichos estabilizados, institucionalizados. La creatividad artística, cuando aplica metáforas, paráfrasis, polisemia, establece nuevas posibilidades de significado. El objetivo principal de este trabajo es analizar el discurso de resistencia de un sujeto negro y periférico, que se desarrolló en el ámbito del arte musical y que confronta el discurso dominante actual, guiado por el neoliberalismo. Para apoyar el análisis, nos basamos en Pêcheux y los autores que son referencias, en Brasil, de los estudios de AD, como Eni Orlandi y Cristina Leandro Ferreira. Desde la perspectiva del movimiento entre discurso e interdiscurso, actualizamos las discusiones con presupuestos de otras áreas del saber, con énfasis en la sociología, que se encuentran en pleno debate con el paradigma neoliberal. También realizamos investigaciones en medios digitales, sitios de la *web* oficiales para obtener los datos recientes y argumentos que circulan en el entorno virtual sobre las cuestiones planteadas aquí. En la materialidad discursiva de la música se inscribe una cronología de dolor y lucha en la vida de João, como personaje, que representa, al mismo tiempo, la sujeción y la confrontación del discurso que lo interpeló como sujeto.

**Palabras clave:** análisis del discurso de línea francesa; discurso de resistencia; desigualdad social.

## Introdução

A cultura e a arte no Brasil vêm atravessando uma das suas fases mais críticas depois da redemocratização. A academia, por meio do pensamento científico, também se depara com ataques e desmontes. Desde que Jair Messias Bolsonaro assumiu o governo em 2018, seu projeto de extrema-direita vem sendo implementado às custas, dentre outros, de anular todas as práticas sociais que se movam contrária e criticamente ao seu governo. As desigualdades e as injustiças sociais aprofundam-se em níveis alarmantes. Por outro lado, as expressões artísticas e culturais e a academia têm produzido resistência mesmo

em condições desfavoráveis. É nesse contexto que o presente artigo vem se inserir quando traz a materialidade discursiva da música João, composta por Marcelo Mira, para remetê-la ao gesto de interpretação com base na Análise do Discurso de Linha Francesa (AD). Ferreira insere a resistência enquanto cerne da AD, pois para ela "a resistência do mundo tem a ver com a relação tensa e crítica que a AD estabelece com a história, com a sociedade e com as relações de poder que caracterizam a aproximação constitutiva com a exterioridade" (2000, p. 23). Embora composta no ano de 2004, a composição intitulada *João* revela-se como espaço discursivo de resistência, o que se configura em uma urgência atual para o destino do Brasil. O trabalho de Marcelo Mira, reconhecido pelo apelo social das suas composições e a partir da repercussão da música *João*, inspirou a criação do projeto social *Chama João*. O referido projeto teve por objetivo analisar músicas de autoria de Mira com temáticas sobre questões sociais, junto aos estudantes de escolas ou instituições de comunidades de São Paulo e de Brasília.

É no contexto do discurso polêmico que localizamos nossa análise. Segundo Orlandi, esse tipo de discurso é aquele "em que o objeto do discurso não está obscurecido pelo dizer, mas é direcionado pela disputa [...] entre os interlocutores, havendo assim a possibilidade de mais de um sentido: a polissemia é controlada" (ORLANDI, 1996, p. 24). As condições de produção do processo discursivo analisado, a situação imediata e as dimensões histórica e social da linguagem são determinantes para o estabelecimento do dizer do sujeito do discurso que coloca em embate as significações do modelo de sociedade mais justa com o neoliberalismo. Para Ferreira, a concepção de resistência "se situa na margem entre a dominação que se faz da linguagem e a que ela estabelece. Em suma, a tradicional polaridade que coloca a língua ora como serva, ora como ama do pensamento" (FERREIRA, 2000, p. 23). Assim, trataremos do discurso de resistência ao histórico e atual sistema dominante.

## O sujeito e as circunstâncias

Na esteira teórica e metodológica que alicerça o gesto de interpretação, as condições de produção do discurso situam, inicialmente, o trabalho de análise aqui desenvolvido nas perspectivas histórica-social e ideológica, enquanto processo discursivo, elaborado por um sujeito interpelado pela ideologia. Nesse sentido, o ano de 1997 foi cenário da criação da banda Alma Djen pelo cantor e compositor Marcelo Mira. Naquele ano, o Brasil era governado por Fernando Henrique Cardoso, do Partido Social Democrático Brasileiro (PSDB). Segundo o historiador Leandro Carvalho, "Fernando Henrique Cardoso (FHC), durante os dois mandatos como presidente da República, efetivou o Plano Real, privatizou várias estatais brasileiras e implantou a política neoliberal" (CARVALHO, [2022]). A desigualdade social manteve-se durante a administração de FHC e, em função disso, a resistência e a luta contra o modelo econômico estabelecido, também se manifestavam nas esferas política e social do país. A histórica injustiça social é acompanhada por movimentos de resistência a essas desigualdades.

As diversas expressões artísticas trazem em suas motivações a possibilidade da denúncia e da resistência para o enfrentamento da dominação, da exploração e da opressão. Nunes, pesquisador de cultura popular brasileira e Latino-americana, confere à arte o poder de comunicar e favorecer a tomada de consciência de segmentos sociais nos quais impactam as mazelas da exclusão social e econômica. Para ele, "a arte enquanto recurso de resistência atua por meio de suas manifestações, denunciando e nos mostrando os verdadeiros sentidos e objetivos das ações das classes dominantes dentro do sistema capitalista e neoliberal" (NUNES, [2021]). O sujeito do discurso, objeto da nossa análise, nasceu no Bairro de Botafogo, Rio de Janeiro. Filho de pai nordestino, do Estado de Alagoas, e de mãe carioca, residiu em Jacarepaguá, Flamengo e Méier. Mudou-se com a família para o Distrito Federal, ainda na adolescência, mantendo sua condição de jovem periférico. Nesse ponto, trazemos a concepção pecheutiana do "sempre já-sujeito" (PÉCHEUX,

2014, p. 142) cuja identificação com o significante "periférico" o representa e o diferencia do "não periférico", que remete para aquele que nasce e vive em situação de privilégio, fora da periferia, e, conseqüentemente, desfruta de superioridade dentro da estrutura da formação social. Então, Marcelo Mira tem o seu lugar de fala a partir das representações de periférico e também de negro, que o determina, ou melhor, que lhe foi pré-determinado. Segundo o *Atlas da Violência 2021*, no ano de "2019, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes negros foi de 29,2, enquanto a dos não negros foi de 11,2" (CERQUEIRA, [2021]). Significa que pessoas negras, em relação a pessoas não negras, têm mais do que o dobro de possibilidade de serem mortas no Brasil. Ao utilizar a arte como contestação e resistência, Mira, enquanto autor, é o sujeito apropriado dos mecanismos discursivos de compositor que, por meio da linguagem, faz-se representar. Para Orlandi, a assunção da autoria

implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico-social. Aprender a se representar como autor é assumir, diante das instâncias institucionais, esse papel social na sua relação com a linguagem: constituir-se e mostrar-se autor (ORLANDI, 2020, p. 74).

Diante do exposto, passamos à análise do discurso, tendo como ponto de partida a materialidade discursiva da música *João*.

Nasceu um menino iluminado  
Talvez no país errado  
Com um futuro promissor de vendedor de  
balas em trem

Cresceu e antes das primeiras letras  
Já madrugava nas feiras  
Única maneira além do crime de tentar so-  
breviver

Chama João  
Manda despertar que um novo dia vem aí

Venceu e não aceitava fácil que o preço de  
seu cansaço  
Não lhe garantisse pelo menos a sua digni-  
dade pra viver  
E levava pelos becos palavras de luta

E desafiava  
Falava nas ruas  
Era a voz dos que tem  
voz, e há muito tempo  
se calaram sem  
coragem pra dizer

Chama João manda dispersar  
Que os homens da lei vêm aí  
(Atenção todas as viaturas  
elemento suspeito  
fortemente armado  
com palavras de alto calibre  
que podem abalar seriamente as atuais  
estruturas sociais)

Morreu  
Mais uma injustiça pra se lamentar  
Nada que não aconteça o tempo todo, todo  
dia por aqui

Uma bala perdida com endereço  
Certo pode ser o fim de um homem que não  
aceita quieto  
Dominação  
Exploração  
Impunidade  
Abuso de poder

E não ficava calado  
Vendo injustiça  
Nem pra deputado,  
E nem vai ter polícia que apague as ideias,

Chama João  
Manda despertar que um novo tempo vem aí...

João: um significante da resistência

Para efeito do gesto de interpretação, sistematizamos o *corpus* em Sequência Discursiva (SD), seguida de algarismo arábico, em itálico e negrito, e em cada sequência desenvolvemos o percurso da análise. Repetimos os grifos no decorrer do nosso gesto de interpretação para marcar o dizer do sujeito do discurso no contexto da nossa análise, o que inclui citações diretas, devidamente aspeadas.

SD1 – ***Nasceu um menino iluminado/ Talvez no país errado/ Com um futuro promissor de vendedor de balas no trem*** – Há um sujeito oculto que pode ser identificado no título da mú-

sica. Trata-se de João, personagem com traços e contornos de uma pessoa, um homem nascido e criado em uma comunidade no contexto de vulnerabilidade social. Percebe-se a identificação do sujeito do discurso com a vida nos subúrbios das capitais brasileiras, da sua própria posição na esfera social, na ordem que lhe constitui como sujeito. Quando utilizamos o recurso das paráfrases que, segundo Orlandi “possibilitam a um mesmo dizer diferentes formulações a partir da estabilização do dizível” (ORLANDI, 2020, p. 34), na expressão ***menino iluminado***, verificamos os efeitos de sentidos que nos remetem às qualidades de quem desde criança demonstrou ser diferenciado, acima da média, portador de bons sentimentos e inteligência que contagia as pessoas ao seu redor. A metáfora ***iluminado***, ou dito de outra forma, sob o funcionamento também metafórico, brilhante, ocupa o lugar de genial, de notável. O verbo nascer, no pretérito perfeito, ***nasceu***, está imbuído do sentido de destino, de predestinação, de sina, de má sorte quando se vincula à expressão ***talvez no país errado***. Podemos deslocar o nascimento de João em duas vertentes, uma positiva, nasceu com genialidade inata, e outra negativa, embora João disponha de qualidades que o destaca, o lugar onde nasceu é equivocadamente, não é adequado às suas potencialidades. Embora o sujeito do discurso use o advérbio de dúvida ***talvez*** para se referir à possibilidade do país estar errado, o dizer posterior é afirmativo e carrega um não-dito, um implícito, que indica que algo está fora do lugar no país, certamente não é uma nação justa, pois reserva para João ***um futuro promissor de vendedor de balas no trem***. Ou seja, o advérbio de dúvida, ***talvez***, passa a funcionar como ironia, visto que o dizer seguinte aponta para um país sem oportunidades para talentos jovens das periferias que têm, no máximo, a perspectiva de tornarem-se vendedores ambulantes e entrarem para as estatísticas de subemprego.

Sobre o Brasil e seus erros, Souza (2022) recorre às ideias de alguns ícones da intelectualidade nacional que se debruçaram a compreender e descrever a constituição e desenvolvimento

do povo brasileiro para fazer uma crítica ao que denominou de "tolice da inteligência brasileira". O autor traz à tona, dentre outros, a concepção de "homem cordial" e de "Estado patrimonial", desenvolvidas por Sérgio Buarque de Holanda, em 1936, no contexto do governo de Getúlio Vargas. Souza afirma que "é muito significativo que o homem cordial, afetivo e corrupto, vai estar ligado, na dimensão institucional, ao Estado dito 'patrimonial' também movido por afetos pessoais e, portanto, corrupto" (SOUZA, 2022, p. 54). Para ele, trata-se de formulações contextualizadas em determinada época e que não deveriam ter eco, como têm, em paradigmas de estudiosos atuais, pois tais elaborações marcam até hoje a percepção do brasileiro sobre si mesmo e a realidade. São pressupostos que menosprezam e delimitam um lugar de inferioridade ao povo do Brasil. Assim, o pensamento social de base tem vieses elitistas e sofre apropriação pelas classes dominantes para manutenção do seu *status quo*, garantindo a manutenção da desigualdade social e do domínio econômico sob a população. Souza (2022) lembra que as ideias desenvolvidas por esses paradigmas favorecem às elites e não ficam restritas à academia, passam a dar suporte a reconstrução e leitura da realidade pela mídia e pela indústria da cultura e enfatiza que "criticar as ideias dominantes é o primeiro passo e o mais decisivo para se criticar o tipo de sociedade que essas ideias criam e legitimam" (SOUZA, 2022, p. 222). Sobre o pensamento social que estabelece imaginários de um povo corrupto, preguiçoso e responsável por sua própria miséria e vulnerabilidade social e econômica, Souza salienta que

É a essa crítica à "tolice da inteligência, elitista e racista, que tem que ser universalizada e transformada em uma nova "narrativa do senso comum" de um novo Brasil de modo a termos uma sociedade mais justa e mais crítica (SOUZA, 2022, p. 222).

Quando Souza localiza o papel da mídia e da indústria cultural na sustentação das ideias elitistas, cabe-nos ir à constituição da Teoria da Análise do Discurso, por Pêcheux, que ressignifica as noções de ideologia e materialismo histórico

de Althusser. Na direção que apontou Althusser sobre o funcionamento dos Aparelhos Ideológico do Estado como sendo "uma série de realidades que se apresentam ao observador na forma de instituições separadas e especializadas" (SOUZA, 2022, p. 222), o sistema de informação, no caso em análise, a mídia e a cultura, na perspectiva da indústria cultural, estão no contexto dessas instituições. Pêcheux, ao destacar aspectos da elaboração de Althusser para a Análise do Discurso, enfatiza que "a ideologia da classe dominante abriga-se e realiza-se por meio dos aparelhos ideológicos do Estado" (ALTHUSSER, 2018, p. 130). Assim, é no trabalho das instituições que a ideologia é realizada na prática.

**SD2 – Cresceu e antes das primeiras letras/ Já madrugava nas feiras/Única maneira além do crime de tentar sobreviver – Cresceu** é continuidade do nascimento, do desenvolvimento da infância, ao passo que a expressão **antes das primeiras letras** designa estudo. Ainda, metaforicamente, pelo ato criativo do sujeito, **Já madrugava nas feiras** remete ao sentido de trabalho árduo de feirante. Parafraseando o dizer, temos que o trabalho árduo de feirante se impõe a João desde muito novo, tirando-lhe o direito aos estudos. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), dentro do que apresenta um dos seus direitos fundamentais, o Direito à Educação, Cultura, Esporte e Lazer, "a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho" (SANTOS; JACOBS, 2020). Também, a Lei de Diretrizes e Base (LDB), Lei n.º 12.796/2013, estabelece que "as crianças brasileiras devem ser matriculadas na educação básica a partir dos quatro anos de idade" (CRIANÇAS..., [2013]). Porém, no enunciado **Única maneira além do crime de tentar sobreviver**, há um efeito de sentido de que as opções de sustento de João eram resumidas em duas possibilidades: ser feirante ou ser criminoso na tenra idade. A atualidade da discussão que a presente análise nos conduz pode ser percebida nos dados recentes:

O total de brasileiros abaixo da linha básica de pobreza no país atingiu recorde no fim de 2021, com 23 milhões de pessoas - quase uma Austrália - vivendo com menos de R\$ 210 ao mês (R\$ 7 ao dia). Isso equivale a 10,8% dos brasileiros (CANZIAN, [2022]).

Quando observamos os dizeres e os efeitos de sentidos da SD1 e da SD2, retomamos às circunstâncias imediata e sócio-histórica da produção do discurso. Constatamos que a desigualdade social denunciada no discurso elaborado em 2004 encontra-se aprofundada no **país errado** (SD1), onde nasceu o **menino iluminado** (SD1), e que sem oportunidade de desenvolver suas habilidades pessoais, sua cidadania e sua formação profissional, optou por não entrar no crime, restando-lhe **madrugar nas feiras**, enquanto deveria estar conhecendo as **primeiras letras**.

SD3 – **Chama João/ Manda despertar que um novo dia vem aí** – Enquanto refrão, recurso do domínio da linguagem da composição musical, o dizer vai se repetir ao longo do discurso, mas com efeitos de sentido diferentes. Nesse caso, **Chama João** refere-se a ideia de acordar, enquanto o enunciado **Manda despertar que um novo dia vem aí**, traz o sentido de colocar-se de pé frente à luta diária. Dessa forma, **um novo dia vem aí** diz sobre um amanhecer, não na forma de novidade, mas de repetição, mais um amanhecer na rotina de um feirante.

SD4 – **Venceu e não aceitava fácil que o preço de seu cansaço/ Não lhe garantisse pelo menos a sua dignidade pra viver/ E levava pelos becos palavras de luta** – Nessas condições de produção, **Venceu** mobiliza o sentido de sobrevivência, sobreviveu. Então, **Venceu**, sobreviveu, quando associada ao nascimento de um menino dotado de predados, mas que nasceu em um **país errado** (SD1), injusto, tornou-se trabalhador, **madrugava nas feiras** (SD2) sem oportunidade de estudos, porque havia de sustentar, **antes das primeiras letras** (SD2), leva-nos à contradição instalada na formação discursiva de direita quando elabora o discurso da meritocracia. Por formação discursiva, de acordo com Pêcheux (2014, p. 147), “entendemos o que, em determinada formação ideológica, comporta determinado dizer, a partir

das condições de produção do discurso, da posição do sujeito nas circunstâncias que lhe são determinadas pelo sistema no qual está inserido”. Vale recordar que o discurso da meritocracia no Brasil aqueceu-se durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT) no período de 2003 até 2016, como forma de oposição às formações discursivas de esquerda representadas pelo PT. A meritocracia prevê que as qualidades pessoais, o esforço, a dedicação, determinam o êxito, o bem-sucedido proclamado por uma sociedade. Quando as formações discursivas de direita tentam legitimar o discurso meritocrático, silenciam o princípio de que as oportunidades, os pontos de partida para alcançar o êxito, conforme entendido pelo capitalismo neoliberal, discurso da direita, não encontram sustentação na profunda desigualdade social que vigora no país. Sandel, ao falar sobre a perspectiva de que o sistema recompensa os méritos pessoais, afirma:

A arrogância meritocrática reflete a tendência de vencedores a respirar fundo o sucesso, a esquecer a sorte e a sina que os ajudaram ao longo do caminho. É convicção presunçosa de pessoas que chegam ao topo que elas merecem esse destino e que aqueles embaixo merecem o deles também. Esse comportamento é o companheiro moral da política tecnocrática (SANDEL, 2021, p. 38).

Quando retomamos a continuidade da SD4, verificamos a consciência de João sobre os obstáculos fortemente arraigados no percurso das classes sociais menos favorecidas pelo sistema, **não aceitava fácil que o preço de seu cansaço/ Não lhe garantisse pelo menos a sua dignidade pra viver**. Embora tenha vencido, sobrevivido, não havia conquistado, por merecimento, qualidade de vida. Nessa direção, João não é afetado pela política de humilhação que a meritocracia impõe. Sobre essa política que enseja a submissão e o abatimento, Sandel afirma que:

Para quem não consegue encontrar emprego ou ganhar dinheiro suficiente para se sustentar, é difícil fugir do pensamento desmoralizante de que o seu fracasso é resultado de suas próprias ações, de que simplesmente não tem talento nem ela para o sucesso (SANDEL, 2021, p. 39).

Assim, não rendendo-se aos ditames de um **país errado** (SD1), injusto, o dizer de que João **levava pelos becos palavras de luta** mobiliza o sentido parafrástico de que ele partilhava suas ideias de resistência, de contestação ao sistema, com a sua comunidade. O dizer **becos**, que substitui comunidade, o lugar onde mora, remete à ideia de falta de infraestrutura, de precariedade urbana, que caracteriza as periferias das capitais brasileiras, enquanto a expressão **palavras de luta** coloca João, o **menino iluminado** (SD1), como liderança, um combatente das ideias dominantes.

SD5 – **E desafiava/ Falava nas ruas/ Era a voz dos que têm voz e há muito tempo se calam sem coragem pra dizer** – O perfil de combatente e destemido, perpassa na expressão **E desafiava/ Falava nas ruas** que pode ser parafraseada assim: João era corajoso, não temia os defensores do sistema, expunha sua visão de mundo, das injustiças, publicamente. Enquanto liderança, **Era a voz dos que têm voz e há muito se calam sem coragem pra dizer**, João representava aqueles que têm lugar de fala para contestação social, política e econômica, que sabem que são injustiçados, submetidos a uma vida indigna, mas que perderam o destemor ao longo dos tempos em que dura a desigualdade social e que são oprimidos pelo sistema. A histórica situação brasileira que distancia enormemente as classes sociais e que provoca desalento na população menos favorecida está refletida nos dados sobre mobilidade social. Rezende afirma que "o Brasil é o segundo país mais desigual do mundo. Quanto mais desigual é um país, menor é a sua mobilidade social, portanto, a mobilidade social no Brasil é baixa" (REZENDE, [2022]). Os fatores que interferem no índice global da mobilidade social são:

Oportunidades de trabalho, condições de trabalho, distribuição justa de salários, proteção social, acesso à saúde e educação, acesso à tecnologia e aprendizado ao longo da vida; qualidade e equidade da educação, instituições inclusivas (REZENDE, [2022]).

Esses fatores isolados representam, por si, as grandes lacunas que vêm se aprofundando

no Brasil, que impactam na esperança e na capacidade de mobilização da grande maioria da população atingida. Porém, João foi voz das vozes, representava a si e a seus outros do alto do que pensava e dizia, na busca de uma reação coletiva da sua comunidade, dos **becos** (SD4). Na época da destituição de Dilma Roussef da presidência, quando as ruas foram ocupadas, em sua maioria, por pessoas das classes mais elevadas da pirâmide social em apoio ao impeachment, Leonardo Boff fez referência ao desconhecimento dos menos favorecidos sobre os acontecimentos que se anunciava no Brasil: "Se os pobres desse país soubessem o que estão preparando para eles, não haveria ruas onde coubesse tanta gente para protestar contra o Impeachment" (BOFF, [2022]). Para Boff, o que estava em curso era um golpe contra democracia e um governo de esquerda. No ano de 2017, sob o governo de Michael Temer, Boff alertou para o projeto Neoliberal reacionário e radicalizado que se instalava no Brasil e afirmou: "O pensamento que criou a crise não pode ser o pensamento que vai nos tirar da crise. Então, nós temos que ter outra base e para mim, ela só pode vir da base" (BOFF, [2017]). Certamente, a base são os movimentos sociais e ações populares que se constituem a partir do povo sobre qual pesa políticas que sinalizam para o aprofundamento da exclusão e da desigualdade social. Dessa forma, ao voltar para o João que **desafiava e falava nas ruas**, compreendemos que ele protagonizou no seu entorno atos políticos de resistência, sendo *a voz* de outras vozes.

SD6 – **Chama João manda dispersar/ Que os homens da lei vêm aí** – Nesta sequência discursiva, o dizer **Chama João manda dispersar** mobiliza o sentido de alertar, de avisar, diferente da SD3 em que **Chama João** remete ao efeito de sentido de acordar, sair do sono para trabalhar. A expressão **manda dispersar** indica uma aglomeração que tem que se desfazer e gera um efeito de sentido de que João arregimentava pessoas da comunidade para escutarem sua fala, **Falava nas ruas** (SD5), suas ideias de resistência e de combate à realidade posta, **palavras de luta** (SD4). A expressão **homens da lei**, no contexto

das comunidades é o sentido de polícia. Assim, por meio da paráfrase, a sequência discursiva **Chama João manda dispersar/Que os homens da lei vêm aí** pode ser assim compreendida: Avisa a João para desfazer a aglomeração, pois a polícia está chegando. No caso, a polícia surge como repressora de movimentos de resistência que nascem da base, do povo.

SD7 – **Atenção todas as viaturas/ elemento suspeito/ fortemente armado/ com palavras de alto calibre que podem abalar seriamente as atuais estruturas sociais** – O sujeito traz para o seu processo discursivo de contestação e crítica o discurso policial, o que estabelece um discurso a respeito de outro discurso, advindos de formações discursivas opostas. Quando utiliza o discurso do opositor, imprime a ironia que faz oscilar os sentidos já estabilizados. Para Orlandi (1983), a ironia rompe o sentido institucionalizado, implode sua significação para acionar o funcionamento de outros modos de significar. O sujeito do discurso aqui analisado apropria-se do dizer, que está estabilizado no já-dito, na exterioridade com a qual dialoga o discurso policial, **Atenção todas as viaturas/ elemento suspeito** e, ao fazer essa alusão, provoca a ruptura da significação que estava instalada. E continua inserindo a ironia, deslocando os sentidos de lugares anteriores, remetendo-os a outras possibilidades, **fortemente armado/ com palavras de alto calibre**. João seria, então, o elemento **suspeito**, com efeito de sentido de pessoa duvidosa que suscita desconfiança, não confiável, **fortemente armado**, no sentido estar munido de instrumentos de ataque. No percurso de desconstruir o discurso policial, o sujeito segue utilizando a estratégia da ironia, como podemos perceber no dizer **fortemente armado**, uma alusão à arma de fogo, conforme significa no discurso policial. Refere-se, ainda, a **palavras de alto calibre**, cuja expressão tem o sentido estabilizado no discurso do opositor com significação de armas potentes. No entanto, o significado de arma potente é retirado do contexto do sentido de arma de fogo e relocado para o poder das palavras, como algo capaz de atacar, de exterminar situações que **podem abalar se-**

**riamente as atuais estruturas sociais**. A polícia, então, passa ter o sentido de guardiã das **atuais estruturas sociais**, marcadas pela desigualdade e injustiças. Dito de outra forma, **os homens da lei** protegem as injustiças, que residem nas **atuais estruturas sociais do elemento suspeito**, um injustiçado que reclama por justiça.

SD8 – **Morreu/ Mais uma injustiça pra se lamentar/ Nada que não aconteça o tempo todo, todo dia por aqui** – A palavra **Morreu** gera o efeito de sentido de que João foi assassinado pela polícia. Nessa SD, notamos a ênfase na responsabilidade e na banalização da morte pelo Estado, **Mais uma injustiça para se lamentar**, e na rotina dos assassinatos pela polícia, nas comunidades periféricas, **Nada que não aconteça o tempo todo, todo dia por aqui**. Segundo Pacheco, pesquisador do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a “proporção de MVIs (Mortes Violentas Intencionais) causada pela polícia é alta e acima do valor convencionado como limite democrático” (PACHECO, [2022]). Sobre o comportamento policial no Brasil, há vertentes de observadores que atribuem a resíduos da escravidão a conduta violenta e seletiva da polícia. Seriam, assim, serviços da estrutura dominante, capitães do mato, que abatem seus iguais. Policiais negros e pobres têm como estereótipo de bandido ou mal feitor pessoas negras, moradoras de periferias. Fato é que as vítimas das ações da polícia revelam que o racismo estrutural também é exercido por pessoas que fazem parte dos grupos discriminados.

SD9 – **Uma bala perdida com endereço certo/ pode ser o fim de um homem que não aceita quieto/ Dominação/ Exploração/ Impunidade/ Abuso de poder** – Mais uma vez, o sujeito traz para seu discurso outro discurso para então desconstruí-lo, fazer desequilibrar os sentidos. O dizer **bala perdida** faz parte de processo discursivo do Estado que, ao não saber justificar algumas mortes, usa o sentido de acidente, de disparo de origem desconhecida. No enunciado **Uma bala perdida com endereço certo**, a ironia anula o sentido de não intencional, de acidental, e remete a uma dissimulação do discurso do outro. Sobre o que considerou de

mito da bala perdida, Dantas diz que o "alvo foi cuidadosamente preparado por alguns anos, a tal bala vem teleguiada em busca de frágeis corpos desalentados pela sociedade" (DANTAS, [2019]).

Assim, no dito **que não aceita quieto/ Dominação/ Exploração/ Impunidade/ Abuso de poder**, o endereço certo da bala foi a **voz dos que têm voz e há muito tempo se calaram** (SD5). Parafraseando esta sequência discursiva temos, considerando o **país errado** (SD1), que no Brasil o destino de quem se mantém no ativismo social para combater as desigualdades e injustiças é pagar com a própria vida. A CIMI (Conselho Indigenista Missionário), que fez denúncia à ONU, no dia 28 de julho de 2022, a respeito de massacres e assassinatos de lideranças indígenas e defensores de direitos humanos no Brasil, afirmou que no país "as execuções se tornaram uma arma do Estado" (NÃO..., [2022]). Um estudo com enfoque psicossocial sobre a participação de líderes comunitários no enfrentamento de problemas históricos e pontuais que afligem as comunidades pobres revela que:

Por um lado, a fragmentação das forças locais e esgarçamento de laços sociais dificultam o fortalecimento da participação social, por outro, os processos de conscientização estão presentes na busca do bem comum (YAGYU; CASTRO-SILVA; EUZÉBIOS FILHO; MARTÍN, [2021]).

Ao mesmo tempo em que o estudo anterior aponta para fenômenos sociais que fragilizam a mobilização das pessoas em torno de causas comuns, traz, também, a constatação de que há resistência e atuação de lideranças, pois considera a conscientização enquanto participação e envolvimento político de onde surgem os líderes. Assim, o dizer de que João **não aceita quieto** mobiliza o sentido de líder, daquele que reage, participa e se envolve, mas também, insere um não dito de que há quem aceite calado, sobretudo se remetermos ao dizer **Era a voz dos que tem voz e há muito tempo se calaram sem coragem pra dizer** (SD5). Esse mesmo estudo revela que as classes dominantes menosprezam a realidade da população pobre e do abismo social que a separa de classes sociais mais favorecidas, sob

a égide do capitalismo, "ao propagar o modo de vida individualista burguês como parâmetro da noção de sucesso ou fracasso, medidos pela régua da meritocracia" (YAGYU; CASTRO-SILVA; EUZÉBIOS FILHO; MARTÍN, [2021]). Sandel, na obra A Tirania do Mérito, faz provocação inicial na capa, no subtítulo, quando pergunta: "o que aconteceu com o bem comum?" (SANDEL, 2021). O autor é parte do âmbito de intelectuais que discutem o liberalismo versus comunitarismo e que tem eco nos estudos desenvolvidos no Brasil. No cerne desses estudos, há críticas sobre o modelo liberal e a pouca ênfase ao papel da comunidade e do bem comum em favor do bem-estar das sociedades atuais. Mas, sobre o foco das discussões em torno do liberalismo e comunitário, Schmidt afirma que "Limitar o comunitarismo a esse debate é indevido" (SCHMIDT, 2017, p. 165). Ao trazer para sua produção científica sobre comunidade e comunitarismo o pensamento de Amitai Etzioni, sociólogo de origem israelense, radicado nos Estados Unidos, considerado o expoente do Comunitarismo Responsivo, Schmidt diz que "Etzioni desenvolve uma teoria sistemática em torno do princípio de que as comunidades são indispensáveis à boa sociedade, a qual requer equilíbrio Estado-comunidade-mercado" (SCHMIDT, 2017, p. 22). Etzioni propõe uma sociopolítica que enfrenta o paradigma neoclássico. Seleccionamos, para efeito da análise aqui realizada, o deslocamento da relevância, apenas, na ação individual para a combinação entre ela e o protagonismo das coletividades nas decisões que ocorrem nos contextos das sociedades.

A premissa neoclássica de que o indivíduo é a unidade de tomada de decisão aqui é alterada para considerar que as coletividades sociais (tais como grupos étnicos e raciais, grupos de pares no trabalho e grupo de bairros) são as principais unidades de tomada de decisão (ETZIONI, 2022, p. 29).

O entendimento de Comunidade Responsiva ratifica o fundamento acima, pois trata-se de um termo que "é usado para conceder *status* pleno tanto ao indivíduo quanto à sua união compartilhada" (ETZIONI, 2022, p. 34). Concentrar

no indivíduo todo poder de decisão é desequilibrar do Eu & Nós, visto que “ambos, indivíduo e comunidade, são completamente essenciais e, portanto, têm o mesmo estatuto fundamental” (ETZIONI, 2022, p. 34). No processo do discurso de João é possível vermos mobilizados os sentidos de coletividade e de ação individual.

SD10 – **E não ficava calado/ Vendo injustiça/ Nem pra deputado/ E nem vai ter polícia que apague as ideias** – O dizer **não ficava calado/ Vendo injustiça/ Nem pra deputado** é atravessado pelos sentidos de determinação, de consciência do exercício da cidadania e da busca do bem comum, pois, **levava pelos becos palavras de luta** (SD4), incentivava a comunidade. João era consciente do seu papel de cidadão, de denúncia e do fortalecimento coletivo, frente à realidade e o exercia sem temor aos poderosos. Podemos remeter o dito **E nem vai ter polícia que apague as ideias** à exterioridade, ao já-dito, a um sentido estabilizado na formação discursiva de esquerda, “Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a primavera inteira”.<sup>2</sup> Dito de outra forma, a polícia não tem o poder de matar os ideais de João. E assim, podemos também remeter o dizer a outro sentido da formulação discursiva de esquerda, que atrela o nome da pessoa assassinada pelo Estado ou por forças opostas à palavra presente, ou seja, João Presente, João está presente, que faz significar que suas ideias vivem. Nesse momento, há um interdiscurso com Marielle presente, vereadora assassinada há dois anos e que até o momento não se sabe quem mandou matá-la.

SD11 – **Chama João/ Manda despertar que um novo tempo vem aí** – O trabalho polissêmico, que segundo Orlandi “provoca deslocamento, ruptura de processo de significação” (ORLANDI, 2020, p. 34), no significante **Chama João**, repete-se em alguns trechos do discurso e coloca o equívoco em movimento. Vejamos a trilha irregular e fértil de onde emanam diferentes sentidos: nas SD3, SD6 e SD11, a expressão **Chama João** opera efeitos diferentes em articulação com a estrutura e o

desenvolvimento discursivo. Na primeira inserção do dizer, na fase inicial do discurso, terceira estrofe, o sentido vincula-se à história da infância e da adolescência de João, marcada pelo trabalho infantil e sob condições custosas, de muito esforço. Assim, a expressão remete ao sentido de acordar João, ainda de madrugada, para trabalhar na feira. A SD6 refere-se à fase adulta de João, e articula os seus gestos de denúncia e resistência, na posição de ativista e de militante contra o regime que prevalece em desfavor aos mais pobres. Aqui o sentido de **Chama João** tem o efeito de alertar, mas ao mesmo tempo de pontuar a ação desproporcional e injusta da polícia. Também tem o efeito de encadear, conduz o discurso para o extermínio de João como liderança comunitária. Na última estrofe, nesta SD11, **Chama João** estabelece o sentido de ressuscitar as ideias de João, lembrar da coragem de João, de inspirar-se em João. No complemento das sentenças das SD3 e SD6, **Manda despertar que um novo dia vem aí** e **Manda despertar que um novo tempo vem aí**, respectivamente, a alteração de **novo dia** por **novo tempo** faz o sentido deslizar para direções diferentes entre um dizer e outro. No primeiro caso, SD3, **novo dia** associa-se a ideia de um presente próximo, de um quase agora, de um hoje que já está pronto, no contexto das desigualdades sociais, mais um dia igual, ou seja, exercer mais um dia de trabalho na feira. Na SD11, o significante **novo tempo** alarga o espaço para além dos dias, remete a outra época, à desconstrução do hoje injusto e desigual para o estabelecimento de um país mais igualitário e justo. Por fim, parafraseando a SD11 na íntegra, **Chama João/ Manda despertar que um novo tempo vem aí**, temos um efeito de resistência: inspire-se em João, ressuscite as ideias dele que as transformações acontecerão.

### Considerações finais

A estruturação do discurso que se instala no funcionamento discursivo de João, configura-se em um percurso atravessado por efeitos de

<sup>2</sup> Frase que circula na internet e costuma ser atribuída a Pablo Neruda e a Che Guevara. Alguns sites optam por informar que trata de autor desconhecido.

sentidos diversos que se entrelaçam para fazer significar o ciclo de vida, a duração da existência, de quem pertence à classe social submetida aos desmandos da dominação histórica. Da negação aos direitos fundamentais da criança e do adolescente, do desequilíbrio de oportunidades, do subemprego, da opressão à violência seletiva do Estado, os sentidos são mobilizados à denúncia como ato de resistência. Buscamos relacionar os sentidos presentes em João com interdiscursos que sustentam o dizer, pois

devemos ter em mente que somos assujeitados mas não absolutamente submetidos ao discurso. Há algo da exterioridade que intervém e enuncia a diferença, a contradição, fazendo com que possamos nos deparar com outras possibilidades, outras interpretações (CASSANA, 2021, p. 194).

Eis que o trabalho da paráfrase e de outras estratégias de confrontação e disputa, que caracterizam o discurso polêmico foram enfatizadas no trabalho que ora concluímos. Não se trata de conclusão enquanto fim em si mesmo, pelo contrário, objetivamos dar contínua colaboração, quem sabe adentrarmos em outras significações do discurso aqui analisado aos ecos que o discurso de resistência tem imprimido no Brasil, sob perspectiva crítica e transformadora da AD.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. In: *Marxists.Org*. IS. I., 1 dez. 2018. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/althusser/1970/06/aparelhos.htm>. Acesso em: 24 jun. 2022.

BOFF, Leonardo. *Temer: muito a temer*. *Correio do Povo do Paraná*, IS. I., 2022. Disponível em: <https://www.jcorreiodopovo.com.br/coluna/osnelio-vailati/temer-muito-a-temer>. Acesso em: 4 jul. 2022.

BOFF, Leonardo. Boff prega resistência ao neoliberalismo mais reacionário. [Entrevista cedida a] Pololo Filmes. In: *CUT*. IS. I., 10 abr. 2017. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/leonardo-boff-prega-resistencia-ao-neoliberalismo-mais-reacionario-310b#:~:text=Em%20entrevista%20%C3%A0%20Pololo%20Filmes,-neoliberalismo%20mais%20reacion%C3%A1rio%20e%20radical.%E2%80%9D>. Acesso em: 4 jul. 2022.

CANZIAN, Fernando. 23 milhões de pobres vivem com menos de R\$ 7 ao dia no Brasil. *Folha de S.Paulo*, IS. I., 15 jun. 2022. Disponível em: [ext=23%20milh%C3%B5es%20de%20pobres%20vivem,06%2F2022%20%2D%20Mercado%20%2D%20Folha](https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/06/23-milhoes-de-pobres-vivem-com-menos-de-r-7-ao-dia-no-brasil.shtml#:~:text=23%20milh%C3%B5es%20de%20pobres%20vivem,06%2F2022%20%2D%20Mercado%20%2D%20Folha). Acesso em: 2 jul. 2022.

CASSANA, Mônica Ferreira. A fragmentação constitutiva dos sujeitos em um documentário: discurso de incômodo e resistência. In: SILVA, Dalexon Sérgio da; SILVA, Claudemir dos Santos (org.). *Pêcheux em (dis)curso*: entre o já-dito e o novo. Uma homenagem à professora Nadia Azevedo. São Carlos: Pedro&João Editores, 2021. v. 2, p. 187-205.

CARVALHO, Leandro. Governo Fernando Henrique Cardoso. In: *Brasil Escola*. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/historiab/governo-fernando-henrique-cardoso.htm>. Acesso em: 24 jun. 2022.

CERQUEIRA, Daniel. *Atlas da violência 2021*. Organizado por Daniel Cerqueira et al. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso em: 17 maio 2022.

CRANÇAS terão de ir à escola a partir do 4 anos de idade. In: *Ministério da Educação - Educação Básica*, 5 abr. 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/18563-criancas-terao-de-ir-a-escola-a-partir-do-4-anos-de-idade>. Acesso em: 2 jul. 2022.

DANTAS, Ackson. *O mito da bala perdida*. In: *Segunda Opinião*. IS. I., 23 set. 2019. Disponível em: <https://segundaopinio.jor.br/o-mito-da-bala-perdida-ackson-dantas>. Acesso em: 5 jul. 2022.

ETZIONE, Amitai. *A dimensão moral: rumo a uma nova economia*. Salvador: EDUFBA; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2022.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

NÃO esperem pelo Brasil: Cimi denuncia à ONU massacres e assassinatos de lideranças indígenas e defensores de direitos humanos no Brasil. In: *Conselho Inigenista Missionário*. IS. I., 29 jun. 2022. Disponível em: <https://cimi.org.br/2022/06/nao-esperem-pelo-brasil-cimi-denuncia-a-onu-massacres-e-assassinatos-de-liderancas-indigenas-e-defensores-de-direitos-humanos-no-brasil/#>. Acesso em: 5 jul. 2022.

NUNES, Danilo. Arte: ferramenta de resistência cultural. In: *MST*. IS. I., 17 maio 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/05/17/arte-ferramenta-de-resistencia-cultural>. Acesso em: 9 maio 2022.

ORLANDI, Eni P. *Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia*. Trabalho apresentado no colóquio do Dep. de Linguística do IEL, UNICAMP. Campinas, SP, 1983.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2000.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2000.

PACHECO, Dennis. Mortes pela polícia caem no Brasil pela primeira vez em oito anos. *Folha de S.Paulo*. [S. l.], 28 jun. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/06/mortes-pela-policia-ca-em-no-brasil-pela-primeira-vez-em-oito-anos.shtml>. Acesso em: 5 jun. 2022.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma afirmação à crítica do óbvio*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

REZENDE, Milka de Oliveira. Mobilidade social. In: Brasil Escola. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/mobilidade-social.htm>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SANDEL, Michael J. *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?* 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SANTOS, Ana; JACOBS, Edgar. O direito à educação no Estatuto da Criança e do Adolescente. In: *Jacobs Consultoria*. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.jacobsconsultoria.com.br/post/o-direito-%C3%A0-educa%C3%A7%C3%A3o-no-estatuto-da-crian%C3%A7a-e-do-adolescente>. Acesso em: 1 jun. 2022.

SCHMIDT, João Pedro. *Universidades comunitárias e terceiro setor: fundamentos comunitaristas da cooperação em políticas públicas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017.

SOUZA, Jessé. *Brasil dos humilhados: uma denúncia da ideologia elitista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

YAGYU, Hamilton; CASTRO-SILVA, Carlos Roberto; EUZÉBIOS FILHO, Antônio; MARTIN Sueli Terezinha Ferrero. Participação social de lideranças comunitárias em um contexto de desigualdade social e no enfrentamento da pandemia da COVID-19: um enfoque psicossocial. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v. 30, n. 2, e210008, jun. 2021. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/sausoc/2021.v30n2/e210008>. Acesso em: 5 jul. 2022.

---

### Dayvesson Deleon Bezerra da Silva

Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, PE, Brasil. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Linguagem da mesma instituição. Bolsista pela Fundação Antônio dos Santos Abranches.

---

### Verônica Maria Brayner de Oliveira Lira

Mestre em Administração Rural e Comunicação Rural pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Doutoranda em Ciências da Linguagem na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, PE, Brasil. Professora dos Cursos de Graduação em Publicidade e Jornalismo, e atua na gestão universitária na Universidade Católica de Pernambuco.

---

### Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Pesquisadora/ Professora Adjunta IV do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, PE, Brasil. Coordenadora do Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco.

---

### Endereço para correspondência

Dayvesson Deleon Bezerra da Silva

Rua Sargento Juvêncio, 130, BL. B, apto. 07

Tejipió, 50920-420

Recife, PE, Brasil

Verônica Maria Brayner de Oliveira Lira

Rua Afonso Batista, 223, apto. 402

Espinheiro, 50021-020

Recife, PE, Brasil

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo

Av. Hélio Falcão, 484, apto. 601

Boa Viagem, 51021-070

Recife, PE, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*